



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

MEMÓRIAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA PROFESSORA MARIA DIVINA DE SOUZA FREITAS (1960-1990)

Thalita Juliana de Freitas Meneses¹ - UERN

Maria Antônia Teixeira da Costa² - UERN

Edinária Marinho da Costa³ - UERN

RESUMO

Propomos neste texto o desvelamento de memórias a partir das narrativas (auto) biográficas de uma docente aposentada que lecionou no magistério primário de 1960 a 1990, na cidade de Governador Dix-Sept Rosado no Estado do Rio Grande do Norte-RN. Objetivamos neste artigo, apresentar, por meio das narrativas (auto) biográficas da professora Maria Divina de Souza Freitas, suas experiências significantes construídas no âmago da sala de aula. A metodologia baseada na história de vida, constitui-se de entrevistas gravadas, orientadas por um roteiro que contemplou as experiências da infância até à carreira profissional. O aporte teórico sobre narrativas (auto) biográficas e história de vida, está ancorado em pesquisadores como Dominicé (2010), Jossó (2010) e Nóvoa (2010). No âmbito da História da Educação, fundamentamo-nos, sobretudo, em Saviani (2005). As narrativas (auto)biográficas da professora possibilitou que ela refizesse seu itinerário na docência, (re)significando os sentidos das suas experiências vividas e conservadas pela memória.

Palavras-chaves: História de vida; narrativas (auto)biográficas; prática pedagógica.

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é apresentar, por meio das memórias e narrativas (auto)biográficas, as experiências significantes construídas no âmago da sala de aula, da professora primária Maria Divina de Souza Freitas. Esta professora lecionou no ensino primário entre as décadas de 1960 a 1990. Sua carreira no magistério foi construída no espaço

¹ Aluna do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio grande do Norte – UERN. Bolsista no Programa de Educação Tutorial – PET Pedagogia.

² Profª Drª da Faculdade de Educação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN.

³ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC)-UERN.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

de uma Escola Isolada situada na zona rural, da cidade de Governador Dix-Sept Rosado, interior do Rio Grande do Norte/RN.

O interesse pela a história de vida dessa professora, emergiu na dinamicidade das aulas da disciplina intitulada “História da Educação Brasileira”, ministrada no 2º Período do curso de Pedagogia, pela Profª Drª Maria Antônia Teixeira da Costa, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. O desenrolar das aulas contou com a presença da aluna/estagiária do Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC), Edinária Marinho da Costa, que tem se dedicado a estudar as práticas pedagógicas de professoras primárias que lecionaram na instituição “grupo escolar”.

A referida disciplina, teve como um dos seus objetivos, analisar de modo crítico as concepções e práticas educativas ocorridas no Brasil, sob à ótica de Saviani (1995), bem como relacionar as ideias pedagógicas às práticas educativas de professores e alunos. Partindo disso, este artigo busca basear-se nessa perspectiva, resgatando a partir das memórias e narrativas (auto)biográficas da professora Maria Divina de Souza Freitas, experiências marcantes construídas por meio das suas práticas pedagógicas de 1960 a 1990.

Assim, tencionamos mostrar, através das narrativas da professora entrevistada, o percurso de suas práticas pedagógicas, marcadas pela rotina da sala de aula, relação professora-aluno, conteúdos de ensino, bem como pelas dificuldades de várias ordens correntes naquela época. Buscamos ainda fazer articulação dos vestígios aflorados nas narrativas da professora, com as leituras da nossa disciplina, as quais estiveram fundamentadas nos estudos de Saviani (2005).

Para tanto, o estudo metodológico orientou-se na abordagem (auto)biográfica, por concebermos que a narrativa oferece o desvelamento da experiência do vivido e a possibilidade de um exercício reflexivo sobre os seus percursos de vida (NÓVOA, 2010). Além do mais, entendemos o trabalho biográfico, como um trabalho de reflexão, que oportuniza os sujeitos narradores recordarem as suas experiências mais significativas, construídas ao longo da sua trajetória de vida (JOSSO, 2010). Assim, acreditamos que o sujeito se desvela à medida que narra seus percursos e experiências (DOMINICÉ, 2010).

Com base nessa abordagem de pesquisa, elaboramos um roteiro de entrevistas, que considerou os aspectos da infância, vivências escolares, carreira docente e experiências em



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

sala de aula. As entrevistas foram gravadas e transcritas posteriormente, e concedidas à publicação pela professora entrevistada.

O artigo está organizado por três tópicos: biografia e sua formação escolar e profissional; carreira profissional e a prática pedagógica da professora. Ao final, fazemos nossas considerações finais, destacando as experiências significativas identificadas e as contribuições que este estudo nos proporcionou, nesse processo de formação acadêmica inicial.

2. Biografia e formação escolar

A professora Maria Divina de Souza Freitas nascida em Governador Dix-Sept Rosado, cidade do interior do Rio Grande do Norte, iniciou suas atividades como professora primária no final dos anos de 1960 em Escola Isolada que se localizava em sua própria residência. Aposentou-se por tempo de serviço totalizando 25 anos de trabalho.

Segundo a Lei Orgânica do Ensino Primário do Rio Grande do Norte, 683 de 10 de fevereiro de 1947, a Escola Isolada, é um tipo de estabelecimento público primário organizado por uma só turma, entregue a um só docente. Esse modelo de escola primária, por longas décadas na história do ensino público primário, permanecera como principal e único na zona rural, e geralmente se instalava nas casas das próprias professoras primárias (SAVIANI, 2005).

A professora Maria Divina de Souza Freitas, frequentou à escola pela primeira vez, aos 7 anos de idade, no ano 1945. Em sua narrativa, ela revela ter sido uma aluna dedicada, que se preocupava na assimilação dos conteúdos. Ela diz que sempre sentava no banco em frente à mesa do seu professor Antônio Martins, no intuito de sentir-se mais próxima dele e de manter sua atenção à transmissão do conteúdo pelo professor. O comportamento dela também decorria do medo que ela sentia da punição, em forma do uso de castigos físicos:

O meu professor usava a palmatória. [...] Se tinha gente que queria conversar, pra aqui e pra cular, conversando com um e com outro ia pra palmatória ou ia pro castigo, o menino fica de joelho lá, [...] ele botava de castigo pra valer.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Ao presenciar a punição dos seus colegas mais indisciplinados, a professora diz ter optado em manter-se silenciada, para evitar qualquer tipo de constrangimento na sala de aula. Segundo Pinheiro (2002), os castigos físicos na escola primária são heranças da escola tradicional do período colonial e império, em que os professores costumavam utilizar a punição física, como instrumento de ordem e de autoridade.

A professora após concluir, o ensino primário, foi impedida pelas dificuldades da sua época de continuar sua trajetória escola. Além do mais, prematuramente ela teve a responsabilidade de ajudar seus pais na luta diária para obter o alimento da família. Tempo depois, Maria Divina de Souza Freitas assume a docência como professora leiga, sem a mínima formação para o exercício do magistério. Após anos de experiências, a professora participa de alguns cursos de qualificação, de curto prazo, que visavam o aperfeiçoamento do professor leigo no Estado.

3. Carreira profissional

Maria Divina ensinava pelo turno matutino na Escola Isolada, da zona rural. Além do compromisso com a docência, tinha responsabilidades enquanto esposa e mãe, de cuidar do lar, dos quatro filhos e marido, entre outras atividades. Seu marido trabalhava no roçado e para ajudar a enfrentar as dificuldades econômicas da sua casa, decide encarar o ofício como professora primária.

Ao questionarmos sobre sua remuneração, a professora afirma que naquela época o que recebia era muito pouco do município, mas importante na ajuda com as despesas da família.

A escola que ela organizou era bem simples e modesta, e funcionava em sua própria residência. Tinha apenas uma grande mesa com dois bancos, cada um de um lado, um quadro negro e quase nada de materiais didáticos. “A gente nesse tempo não tinha caderno. Era uma folha de papel, dobrava no meio, dobrava de novo, era no que escrevia. [...] Quando enchia uma bandinha ia pro outro lado e assim ia”. Pela sua fala percebemos o quanto era precária a educação primária, na época em que ela ingressou no magistério.

Através dos estudos de Costa (2009), entendemos que a escola pública primária do Rio Grande do Norte, de 1939 até 1969, caracterizavam-se como escolas precárias, carentes de



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

matérias pedagógicas, mobiliário adequado, higiene e água. Além da simplicidade nas estruturas físicas, o que tornava o trabalho docente cada vez mais árduo.

A professora Maria Divina era a única responsável pela organização pedagógica da escola. Não existia nenhuma outra pessoa que a auxiliasse. Diretor (a), secretária, cozinheira nem ao menos faxineira tinha. Raramente recebia uma merenda do governo: “[...] a merenda que vinha as vezes era muito pouca. Mas vinha e outras vezes faltava. Tudo era eu quem organizava no dia que tinha. Quando não tinha, não tinha o que fazer”. Além da preocupação em organizar a escola, planos de aula e afazeres de casa, tinha a responsabilidade de organizar a merenda para as crianças.

A professora narra que suas turmas eram pequenas, chegando a ter de 7 a 15 alunos, já que nesta época existiam algumas Escolas Isoladas espalhadas pelo município, o que fazia com que a quantidade de alunos fosse pequena, pois as crianças que chegavam a frequentar à escola representava uma quantidade pequena, visto que existia outras escolas espalhadas pela região.

Os alunos começavam a frequentar a escola a partir dos 7 anos e tudo o que aprendiam envolviam os conteúdos de Português e Matemática. Segundo a professora a “primeira série, neste tempo não estudava outra coisa não, era o alfabeto e quando aprendia a Carta de ABC todinha ia passar pra Cartilha, [...] já era a segunda aula que dava do alfabeto. Ai passava para a Cartilha porque já vinha com as palavras formadas”. No caso da matemática,

[...] a gente mandava botar aqueles numerozinhos: um, dois, três, quatro. Em baixo colocava o número diferente, colocava um quatro... o que quisesse botar, [...] ia ensinado o menino a tirar aquela continha. [...] Mandava diminuir quando sabia mais ou menos somar, ai quando sabia mais ou menos diminuir ia pra multiplicação. Dividir já era por ultimo que a gente ia ensinar.

Como mencionado pela professora à mesma fazia uso da Carta de ABC, a Cartilha e da Tabuada. Para ela a tabuada era fundamental na matemática e enfatiza: “[...] antigamente a gente respondia: oito e cinco, treze; oito e seis são quatorze; oito e oito são dezesseis. [...] Estudando a tabuada já sabe, não vai contar nos dedos. O negocio é estudar a tabuada, do comecinho até chegar o fim”. Para a professora o ato de decorar a tabuada era importante, pois dessa forma o aluno fixava o resultado das operações e facilitava na hora de fazer as atividades. “Porque se você usar a tabuadazinha, decorando aquilo ali [...] ai você já não vai



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

contar nos dedos. Já não é necessário. A gente decorando é bom”, diz a professora, lembrando que ao aprender a tabuada não era necessário o aluno fazer a conta nos dedos, pois já tinha o resultado em sua mente. Esse método era fortemente usado na pedagogia tradicional, onde o professor usava para avaliar o desempenho do aluno.

Ao perguntarmos a respeito da relação entre alunos, Maria Divina relata que as meninas sentavam separadas dos meninos. “[...] as meninas eram separadas dos meninos. As meninas tinham o canto delas, na mesma sala, mas tudo separado [...]”. Neste momento lembra-se do tempo que era criança, no qual a sala em que estudava era semelhante a que dava aula: “[...] do mesmo jeito foi quando eu estudei, era uma sala construída só para aquilo ali, ai tinha aqueles bancos, as meninas ficavam do meio pra cá [...] e os meninos ficavam do meio pra lá”. Desse modo, compreendemos que a sua prática pedagógica, estava baseada na educação que recebeu na infância.

4. A prática pedagógica da professora

Através das narrativas da professora podemos perceber que sua prática pedagógica não se constituía na base da rigurosidade e dos castigos físicos. Por outro lado, denunciavam características fortes da pedagogia de ensino tradicional, uma vez que,

pautando-se pela centralidade da instrução (formação intelectual) pensava a escola como uma agência centrada no professor, cuja a tarefa é transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade segundo uma graduação lógica, cabendo aos alunos assimilar os conteúdos que lhes são transmitidos. (SAVIANI, 2005, p.2)

O que Saviani (2005) cita assemelha-se à algumas atitudes da professora que fazia uso de aulas expositivas e conteúdos decorados. A Professora compreendia que o professor quem deveria ter o domínio da turma, não aceitando que o aluno o desrespeitasse. Alegou que certa vez reclamou com um de seus alunos: “[...] Eu reclamei porque queria bagunçar, não gritei não. Ai eu ia deixar bagunçar? [...] Uma dessa é ao contrario da educação [...]”. No tempo em que estudou lembra que os professores fazia o uso de castigos, no entanto relata que não usava este método em sua prática.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Em suas aulas fazia o uso de figuras, imagens e ilustrações: Às vezes ia fazer uma coisa ai dizia: ‘olha vamos fazer o nome disso aqui?’ Pra ver se fazia certo ou errado, mas já depois que ensinava o alfabeto todinho, pra juntar aquelas silabas pra saber se tinha aprendido mesmo.

A apropriação desse método pela professora, também nos fazem recordar o método intuitivo ou *lição de coisas*, em que aluno era estimulado a aprender através dos sentidos e da observação dos objetos. Nessa perspectiva, o aluno construía saberes por meio da percepção, recorrendo ao trabalho de ilustração de imagens, que correspondiam às letras iniciais ou palavras das coisas (VALDEMARIN, 2004).

A professora Maria Divina de Souza Freitas percebe por meio das suas memórias docentes e narrativas (auto)biográficas, que o trabalho desenvolvido por ela, foi de grande importância para o contexto daquela época, onde a educação era bastante precária. Relata que “[...] o estudo daquele tempo era tão diferente de hoje”, porém admite que a atual educação teve um avanço significativo, principalmente no que diz respeito ao seu acesso. Por outro lado, critica esta educação por ser às vezes incompreensível, chegando a ser desnecessária pela quantidade de saberes colocado para os alunos.

A professora defende que a maneira de ensinar deveria manter a rigidez, respeito e a obediência dos alunos, pois estes ficam encontram-se dispersos na sala de sala, e em consequência disso, não reconhece no professor e na própria educação a importância da formação para sua vida.

5. Considerações finais

Com base nas memórias e narrativas (auto)biográficas da professora Maria Divina de Souza Freitas, identificamos experiências significativas que relevam práticas pedagógicas peculiares, cuja finalidade ia além de ensinar os conteúdos, mas também de formar valores morais no aluno, o qual deveria tornar-se um cidadão responsável, disciplinado e educado.

Assim, relatos sobre as práticas pedagógicas dessa professora, ora apresentam traços de uma pedagogia tradicional, que valoriza no aluno a obediência e o respeito rigoroso deste para com o professor, ora a pedagogia escolanovista na qual o professor deixa de ser o centro do processo de educação, para priorizar os interesses do aluno.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

Suas narrativas também revelam que o acesso à docência como professora leiga, deu-se inicialmente como estratégia de sobrevivência para ajudar no sustento de sua família, tornando-se depois uma experiência enriquecedora e de grande utilidade às gerações jovens estudantis de 1960 a 1990.

Consideramos, portanto, que este estudo, realizado na disciplina de História da Educação Brasileira, no curso de Pedagogia, foi imprescindível para resgatarmos memórias e experiências de práticas pedagógicas produzidas por professoras primárias, hoje aposentadas, e ainda por nos possibilitar a relação e reflexão sobre as mudanças ocorridas na educação potiguar entre os séculos XX e XXI.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

REFERÊNCIAS

COSTA, Maria Antônia Teixeira da. O ensino primário no Rio Grande do Norte: memória, educadores e lições sobre o ensinar (1939-1969). Mossoró/RN: Editora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2009.

DOMINICÉ, Pierre. **O processo de formação e alguns dos componentes relacionais**. In: NÓVOA, Antonio; FINGER, Mathias (orgs). O método (auto)biográfico e a formação. EDUFRN: Natal. 2010.

FERRARI, Márcio. Paulo Freire, o mentor da educação para a consciência. **Nova Escola**, Brasil, v. 1, n. 1, p.1-4, out. 2008.

JOSSO, Marie-Chistine. **Da formação do sujeito... Ao sujeito da formação**. In: NÓVOA, Antonio; FINGER, Mathias (orgs). O método (auto)biográfico e a formação. EDUFRN: Natal. 2010.

NÓVOA, Antonio. **A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Projalus**. In: NÓVOA, Antonio; FINGER, Mathias (orgs). O método (auto)biográfico e a formação. EDUFRN: Natal. 2010.

PINHEIRO, Antonio C. F. **Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba**. São Paulo. Autores Associados/ Universidade São Francisco, 2002.

SAVIANI, Dermeval; **As concepções pedagógicas na história da educação brasileira**. Campinas, 2005.

VALDEMARIN, V. T. Os Sentidos e a Experiência: professores, alunos e métodos de ensino. In: SAVIANI, D. et al. (Orgs.). **O Legado Educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. p. 163-203.

Documento

RIO GRANDE DO NORTE. Decreto-Lei 683 de 10 de fevereiro de 1947. Atos e Decretos do Governo, Natal/RN, 1947.